

**REFLEXÕES SOBRE ALGUNS ASPECTOS DO PENSAMENTO  
FILOSÓFICO E PEDAGÓGICO DE PLATÃO  
REFLECTIONS ABOUT SOME ASPECTS OF PLATO'S  
PHILOSOPHICAL AND PEDAGOGICAL THOUGHT**

Stephânia Beatriz Ferreira<sup>1</sup>  
Gustavo Araújo Batista<sup>2</sup>

**RESUMO:** Nestes textos são apresentados os resultados obtidos em atividades de iniciação científica, nas quais as investigações concentraram-se no pensamento filosófico e pedagógico platônico, com o intuito de buscar o conhecimento do seu ideário para nele encontrar as suas contribuições para a educação. São feitas considerações sobre o que Platão pensa a respeito da busca pela formação do indivíduo. Considerando a atualidade do pensamento de Platão e as contribuições que se tem deste pensador, é favorável que suas ideias sejam ainda discutidas para o conhecimento de profissionais interessados em colaborar com o constante aprimoramento teórico e prático da educação.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação. Filosofia. Pedagogia. Platão.

**ABSTRACT:** In this text they are shown the results obtained in scientific initiation activities, in which the investigations concentrate on platonic philosophical and pedagogical thought, with the scope of searching the knowledge of his ideal in order to find his contributions to education. They are done considerations about what Plato thinks about the search for individual breeding. One considering the actuality of Plato's thought and the contributions which one has from that thinker, it is favored that his ideas may be still discussed to the knowledge of professionals interested in collaborate with the constant theoretical and practical improvement of education.

**KEYWORDS:** Education. Philosophy. Pedagogy. Plato.

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG) da Universidade de Uberaba, pela qual também é graduanda em Pedagogia. Contato: [stebferreira@gmail.com](mailto:stebferreira@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade de Uberaba e da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Fundação Carmelitana Mário Palmério. Contato: [mrgugaster@gmail.com](mailto:mrgugaster@gmail.com).

### *Introdução*

Em várias de suas obras Platão descreve seu pensamento pedagógico. Em *A República*, o filósofo propõe a possibilidade de instituir um Estado Ideal, onde é descrito como este Estado deverá ser construído para que alcance a formação integral dos indivíduos que a ele pertencerem. O citado Estado Ideal é inteiramente organizado por classes e preocupando-se com a formação de homens justos e de bem, que possuam valores éticos e morais, que os possibilitem ministrar este Estado de forma correta e justa. Para a que aconteça a formação destes indivíduos, conta-se com os propósitos metafísicos, epistemológicos, éticos e políticos.

O filósofo também descreve em suas obras seu pensamento em relação à formação desses indivíduos utilizando a Ginástica e a Música, as Ciências Matemáticas onde está incluído a Aritmética, Geometria e Estereometria; a astronomia, e a dialética.

Para Platão, o homem na sociedade é um ser que reproduz aquilo que já é existente em um mundo superior ao que vivemos. Platão acredita que acima de nós existe um mundo que é uma referência para a nossa projeção e formação em nosso planeta. Segundo ele, reproduzimos aquilo que já é existente, definindo o mesmo como a verdadeira realidade, assim, descreve em suas obras a relação entre o Mundo Inteligível e o Mundo Sensível.

No decorrer do presente artigo, serão expostas as reflexões feitas em prol do pensamento pedagógico platônico, principalmente na sua obra intitulada *A República*, contando com a contribuição de autores, como: Paviani (2008) e Teixeira (2006).

Ao pensar nas transformações ocorridas ao longo da história, é evidente a constante busca em alcançar a formação ideal entre as demais culturas. Na atualidade, entre as diversas propostas para alcançar tal formação, é visível a presença da apropriação de conhecimentos específicos, que auxiliam na formação dos indivíduos da atual civilização. Acima deste pensamento, Platão mostra-nos a importância de irmos além de conhecimentos específicos, a fim de formarmos seres capazes de refletir, de sentir e de produzir seus conhecimentos de forma significativa, tornando-se seres sábios quando alcançamos realizamos a implantação de novas propostas de forma produtiva para seu uso e para o uso do próximo, sempre pensando na melhoria e no bem-estar de todos.

A busca por uma formação ideal é constante e inacabada. Têm-se registros ricos que não só podem como devem ser utilizados para o esclarecimento e conhecimento de nossa

sociedade. Diretamente, reflexões feitas sobre pensamentos históricos e filosóficos, auxiliam educadores e professores a reconhecer a importância de seu papel, para a formação desta sociedade. Alcançar uma formação integral é responsabilidade de educadores e professores, que são profissionais formados para colaborarem significativamente com esta formação. Considerando grandiosamente, a importância desse terem acesso a textos que colaborem para a aquisição de novos conhecimentos e de profissionais qualificados a mostrá-los a importância desses pensamentos filosóficos que colaborem significativamente para a prática docente e pedagógica. É com tal pretensão que serão expostos neste artigo, alguns aspectos do pensamento pedagógico que Platão desenvolve ao longo de suas obras.

*Considerações sobre algumas ideias filosóficas e pedagógicas platônicas a partir de alguns excertos de suas obras*

Platão aborda temas que dizem respeito à educação ao longo de várias de suas obras, uma vez que a filosofia em geral é tomada, sob a sua perspectiva, como a atividade pedagógica por excelência, já que é por seu intermédio que se dá a autêntica educação, na qual o homem deveria ser exercitado. Tal educação, sob a sua perspectiva, consiste em fazer com que os olhos da alma, isto é, a razão ou a inteligência, voltem-se para as realidades superiores e, a partir delas, façam com que os indivíduos pensem e ajam da melhor maneira possível:

\_ [Sócrates] Temos então – continuei eu – de pensar o seguinte sobre esta matéria, se é verdade o que dissemos: a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles<sup>3</sup> que arranjam a introduzir ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzissem a vista em olhos cegos.

\_ [Gláucon] Dizem, realmente.

\_ [Sócrates] A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser. A isso chamamos o bem. Ou não?

\_ [Gláucon] Chamamos.

\_ [Sócrates] A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso (PLATÃO, 1996, p. 322-323)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Ou seja, sobretudo os sofistas.

<sup>4</sup> Cf. *República*, 518c-d.

Limitando-se aqui a tratar do projeto pedagógico que Platão delinea na *República*, este estudo propõe-se a discorrer acerca do currículo elaborado para a formação dos cidadãos em geral e, em particular, para a educação do Rei-Filósofo, posto que, sendo a sua missão a mais nobre a ser desempenhada junto ao Estado, isto é, o governo, cumpre formá-lo de maneira tal que o faça do melhor modo possível, porque é a sua missão, uma vez superando as trevas da ignorância e atingindo as luzes da sabedoria, retornar àqueles que não o fizeram, com o escopo de conduzi-los:

\_ [Sócrates] É nossa função, portanto, forçar os habitantes mais bem dotados a voltar-se para a ciência<sup>5</sup> que anteriormente dissemos ser a maior, a ver o bem e a empreender aquela ascensão e, uma vez que a tenham realizado e contemplado suficientemente o bem, não lhes autorizar o que agora é autorizado.

\_ [Gláucon] O quê?

\_ [Sócrates] Permanecer lá e não querer descer novamente para junto daqueles prisioneiros nem partilhar dos trabalhos e honrarias que entre eles existem, quer sejam modestos, quer elevados (PLATÃO, 1996, p. 324-325)<sup>6</sup>.

Mesmo admitindo, por um lado, a inexistência do seu Estado Ideal, Platão reconhece, por outro lado, que é possível instituí-lo, ainda que apenas no interior do indivíduo. Para isso, é preciso preparar os seus futuros membros, a fim de que vivam conforme os arquétipos inteligíveis, razão pela qual a educação teria de ser reorganizada para atender aos propósitos metafísicos, epistemológicos, éticos e políticos aos quais Platão subordina a sua pedagogia com o intuito de concretizar o seu propósito de educar os mais aptos intelectual e moralmente para administrar o Estado, a fim de que todos os seus membros se beneficiem da formação que lhes for destinada não apenas para o seu bem particular, mas principalmente para o bem público:

\_ [Gláucon] Quê? Vamos cometer contra eles a injustiça de os fazer levar uma vida inferior, quando lhes era possível ter uma melhor?

\_ [Sócrates] Esqueceste-te novamente, meu amigo, que à lei não importa que uma classe qualquer da cidade passe excepcionalmente bem, mas procura que isso aconteça à totalidade dos cidadãos, harmonizando-os pela persuasão ou pela coacção, e fazendo com que partilhem uns com os outros do auxílio que cada um deles possa prestar à comunidade; ao criar homens destes na cidade, a lei não o faz para deixar que cada um se volte para a actividade que lhe aprouver, mas para tirar partido dele para a união da cidade (PLATÃO, 1996, p. 325)<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Trata-se da dialética.

<sup>6</sup> Cf. *República*, 519c-d.

<sup>7</sup> Cf. *República*, 519e-520a.

Ao voltar-se para a educação praticada em seu tempo, Platão conclui que ela constitui uma condição necessária, porém ainda não suficiente, para formar os futuros cidadãos do seu Estado. Assim, o filósofo procura expor aquilo que deve e aquilo que não deve ser continuado na educação de sua época (tendo como pano de fundo a defesa do método dialético socrático e o combate do método retórico sofístico), construindo, pois, um novo modelo pedagógico, no qual entrariam tanto elementos da educação tradicional grega quanto elementos por ele acrescentados, tendo-se em vista, com isso, uma nova forma organização social em geral e, em particular, uma nova maneira de praticar a educação; de acordo com Paviani:

Antes de Platão, a educação tradicional na Grécia antiga não é problematizada. Com Platão todo o sistema educacional é posto sob suspeita. Com a nova proposta platônica, educar não significa apenas transmitir os bons hábitos e costumes dos pais para os filhos, aprender música, praticar a ginástica, seguindo o que é considerado bom ou mau, conforme as normas sociais. Não basta que a alma e o corpo sejam formados pelo treinamento, pela imitação, pela memorização, pois as próprias leis têm caráter educacional. O ideal da educação é o bem, o justo, o verdadeiro. Assim, a tradição e os procedimentos sociais, considerados durante longo tempo critérios da educação, agora são questionados. Platão questiona a educação de seu tempo, propõe novas condições para se alcançar uma verdadeira educação. Para ele, definitivamente, existe uma boa e uma má educação (PAVIANI, 2008, p. 45).

Em se tratando de aproveitar elementos da educação helênica tradicional, Platão defende a continuidade da ginástica (a qual confere o enrijecer e o fortalecer do corpo) e da música<sup>8</sup> (na qual também se incluiria a literatura), visto que tais disciplinas são úteis para o cultivo inicial tanto do corpo quanto do espírito, razão pela qual devem ser os primeiros componentes curriculares pelos quais os educandos devem passar, a fim de que, posteriormente, sejam sistematicamente selecionados para desempenharem suas funções junto ao Estado; porém, há que se precaver contra o fato de que essas duas artes não devem ser exercitadas isoladamente, já que podem provocar vícios nos estudantes: “Os que praticam exclusivamente a ginástica acabam por

---

<sup>8</sup> \_ [Sócrates] Não é então por este motivo, ó Gláucon, que a educação pela música é capital, porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afectam-na mais fortemente, trazendo consigo a perfeição, e tornando aquela perfeita, se se tiver sido educado? E, quando não, o contrário? E porque aquele que foi educado nela, como devia, sentiria mais agudamente as omissões e imperfeições no trabalho ou na conformação natural, e, suportando-as mal, e com razão, honraria as coisas belas, e, acolhendo-as jubilosamente na sua alma, com elas se alimentaria e tornar-se-ia um homem perfeito; ao passo que as coisas feias, com razão as censuraria e odiaria desde a infância, antes de ser capaz de raciocinar, e, quando chegasse à idade da razão, haveria de saudá-la e reconhecê-la pela sua afinidade com ela, sobretudo por ter sido assim educado.

\_ [Gláucon] A mim afigura-se-me que é por razões dessas que se deve fazer a educação pela música (PLATÃO, 1996, p. 133-134; Cf. *República*, 401e-402a).

ficar mais grosseiros do que convém, e os que se dedicam apenas à música tornam-se mais moles do que lhes ficaria bem” (PLATÃO, 1996, p. 149)<sup>9</sup>. Ademais, Platão adverte que os conteúdos literários a serem ministrados precisariam passar por uma depuração, a fim de que as crianças, ao serem educadas pelas fábulas, sejam-no de modo tal que não lhes sejam incutidas, por meio delas, aquilo que não deveriam aprender:

\_ [Sócrates] Ora, pois, havemos de consentir sem mais que as crianças escutem fábulas fabricadas ao acaso por quem calhar, e recolham na sua alma opiniões na sua maior parte contrárias às que, quando crescerem, entendemos que deverão ter?  
\_ [Adimanto] Não consentiremos de maneira nenhuma.  
\_ [Sócrates] Logo, devemos começar por vigiar os autores de fábulas, e selecionar as que forem boas, e proscrever as más. As que forem escolhidas, persuadiremos as mães e as mães a contá-las às crianças, e a moldar as suas almas por meio das fábulas, com muito mais cuidado do que os corpos com as mãos. Das que agora se contam, a maioria deve rejeitar-se (PLATÃO, 1996, p. 87)<sup>10</sup>.

Empenhado, principalmente, com a educação intelectual e moral do ser humano, a qual, por sua vez, garantiria a existência de uma nova ordem social ou política, Platão percebe que as fábulas, na qualidade de narrativas utilizadas para formar a mente das crianças, deveriam nelas incutir valores, crenças ou opiniões que, pelo menos, estivessem de acordo com o seu projeto de implantação do Estado Ideal. Uma vez constatando que tais estórias, em sua maioria, não se têm prestado aos seus propósitos, o filósofo conclama a sua refutação, motivo pelo qual os poetas só seriam aceitos se desenvolvessem suas atividades de modo a inspirarem a imitação do bem, ao invés de tratarem de assuntos que não propiciariam o amor à verdade e à virtude; a seguinte passagem da *República* descreve o tratamento que seria dado, então, ao bardo:

Se chegasse à nossa cidade um homem aparentemente capaz, devido à sua arte, de tomar todas as formas e imitar todas as coisas, ansioso por se exhibir juntamente com os seus poemas, prosternávamo-nos diante dele, como de um ser sagrado, maravilhoso, encantador, mas dir-lhe-íamos que na nossa cidade não há homens dessa espécie, nem sequer é lícito que existam, e mandá-los-íamos embora para outra cidade, depois de lhe termos derramado mirra sobre a cabeça e de o termos coroado de grinaldas. Mas, para nós, ficaríamos com um poeta e um narrador de histórias mais austero e menos apazível, tendo em conta a sua utilidade, a fim de que ele imite para nós a fala do homem de bem e se exprima segundo aqueles modelos que de início regulámos, quando tentávamos educar os militares (PLATÃO, 1996, p. 126-127)<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Cf. *República*, 410d.

<sup>10</sup> Cf. *República*, 377c.

<sup>11</sup> Cf. *República*, 398a-b.

Ademais, Platão condena o discurso poético por ser enigmático<sup>12</sup> e falso<sup>13</sup>, razão pela qual simultaneamente tergiversa, dificulta ou compromete a compreensão daquilo que, de fato, quer expressar<sup>14</sup>, ao contrário do discurso filosófico, o qual se esmera, sobretudo, em fazer-se lógico e verdadeiro ao máximo possível; destarte, o filósofo e o poeta estariam, sob tal perspectiva, em ângulos diametralmente opostos, não podendo, pois, coexistir na sociedade ideal, a menos que este fosse subserviente àquele, ou seja, somente quando o poeta fosse capaz de ser um educador que preparasse os indivíduos para a filosofia, utilizando-se da sua arte de maneira a oferecer exemplos de conduta a serem seguidos, cooperando, conseqüentemente, com o filósofo, de cuja missão faz parte elevar espiritualmente a humanidade, seja pelo seu aprimoramento intelectual, seja pelo seu aperfeiçoamento moral; em assim sendo:

Platão quer chamar a atenção para o fato de que a arte não tem valor em si mesma. Quando a arte não se deixa fecundar pelo *logos*, torna-se falsa, falaciosa, esconde a verdade, causando perturbação à alma. Nesse sentido, toda a arte que pretenda ser verdadeira deverá “submeter-se à Filosofia, única capaz de alcançar a verdade. O poeta deve obedecer às regras e à dialética do Estado” (TEIXEIRA, 2006, p. 79; grifo do autor).

Depois de condenar a educação pela poesia nos moldes em que era praticada em seu tempo, fazendo, em contrapartida, a sua reabilitação para atender ao escopo de formar intelectual e moralmente os cidadãos do Estado Ideal, Platão concebe um programa de estudos que, iniciando-se pela ginástica e pela música-literatura, prosseguiria com as seguintes disciplinas: aritmética, geometria, estereometria, astronomia, harmonia e, finalmente, a dialética. Tal currículo de estudos, diga-se desde já, não seria oferecido por completo a todos os cidadãos, indistintamente, porquanto somente aqueles que demonstrarem melhores aptidões intelectuais e morais serão aquilatados para receberem ensinamentos mais avançados e aprofundados: “Por

---

<sup>12</sup> Cf. *República*, 332b.

<sup>13</sup> Cf. *República*, 377d.

<sup>14</sup> Nesta acepção, o poeta e o sofista equivalem-se, uma vez que, ao priorizarem a aparência, tornam-se, conseqüentemente, imitadores e não expositores da realidade. No final do seu diálogo intitulado *Sofista*, Platão resume, magistralmente, a sua definição deste praticante da arte de malograr:

O ESTRANGEIRO – Portanto, a espécie imitativa da parte irônica da arte baseada na opinião, a qual é uma parte da arte da contradição e que pertence ao gênero imitativo, o qual se liga à arte de produzir imagens, essa porção, não divina mas humana, da produção que se especializa nos discursos e fabrica prestígios, eis, pode dizer-se, “a linhagem e o sangue” de que o verdadeiro sofista descende, e, a meu ver, dir-se-á a verdade exacta.

TEETETO – É perfeitamente justo (PLATÃO, 1999, p. 96).

isso, a Filosofia não é uma atividade de massa, antes, pelo contrário, é impossível que a multidão seja filósofa. A Filosofia é uma atividade grandiosa e por demais e por demais sublime para estar nas mãos de todos” (TEIXEIRA, 2006, p. 42).

O fato da aritmética estar entre as disciplinas que fazem parte do currículo de estudos a serem feitos por aqueles que vão proteger e governar o Estado repousa tanto sobre motivos pragmáticos quanto sobre razões especulativas. Em relação às questões práticas, essa ciência aplica-se à arte de guerrear, uma vez que é impossível a um militar ignorar a importância do cálculo e do cômputo para exercer a sua estratégia<sup>15</sup>. Quanto às indagações teóricas, seu emprego na filosofia é muito útil, porquanto auxilia o filósofo a exercitar-se na tarefa de atingir o Mundo Inteligível:

Seria, portanto, conveniente, ó Gláucon, que se determinasse por lei este aprendizado e que se convencessem os cidadãos, que não-de participar dos postos governativos, a dedicarem-se ao cálculo e a aplicarem-se a ele, não superficialmente, mas até chegarem à contemplação da natureza dos números unicamente pelo pensamento, não cuidando deles por amor à compra e venda, como os comerciantes ou retalhistas, mas por causa da guerra e para facilitar a passagem da própria alma da mutabilidade à verdade e à essência (PLATÃO, 1996, p. 336)<sup>16</sup>.

Sobre a geometria, Platão tem o mesmo a declarar em relação à aritmética, isto é, trata-se de uma disciplina que se presta igualmente à atividade prática militar e ao exercício teórico filosófico. Outrossim, aqueles a quem forem confiadas as missões de salvaguardar e de administrar o Estado, uma vez passando pela aritmética, seguiriam seus estudos aprofundando-se na geometria, a qual lhes daria maior perícia na arte da guerra e, quanto à filosofia, ficariam ainda mais familiarizados com a contemplação daquilo que é imutável, eterno ou perene, sendo, conseqüentemente, conduzidos ao reino do universal e do necessário:

\_ [Gláucon] É fácil de concordar – respondeu ele – uma vez que a geometria é o conhecimento do que existe sempre.

---

<sup>15</sup> \_ [Sócrates] Logo, que outra ciência havemos de considerar necessária a um guerreiro, como a de poder calcular e contar?

\_ [Gláucon] Essa mais do que todas, se quiser compreender alguma coisa de tática, e mais ainda, se quiser ser um homem.

\_ [Sócrates] Pensas desta ciência o mesmo que eu?

\_ [Gláucon] O quê?

\_ [Sócrates] Pode muito bem ser uma daquelas ciências que procuramos, e que conduzem naturalmente à inteligência, mas de que ninguém se serve correctamente, apesar de ela nos elevar perfeitamente até ao Ser (PLATÃO, 1996, p. 331; cf. *República*, 522e-523a).

<sup>16</sup> Cf. *República*, 525c.

\_ [Sócrates] Portanto, meu caro, serviria para atrair a alma para a verdade e produzir o pensamento filosófico, que leva a começar a voltar o espírito para as alturas e não cá para baixo, como agora fazemos, sem dever.

\_ [Gláucon] É muito capaz de o fazer.

\_ [Sócrates] Portanto, prescreveremos afincadamente aos habitantes do nosso belo Estado que não deixem, de modo algum, a geometria. Além disso, os seus efeitos acessórios não são pequenos.

\_ [Gláucon] Quais? – perguntou ele.

\_ [Sócrates] Aqueles que tu disseste: os que dizem respeito à guerra, e, em especial, a todas as ciências, de modo que se apreendem melhor. De qualquer modo, sabemos que aquele que estudou geometria difere totalmente de quem não a estudou (PLATÃO, 1996, p. 338-339)<sup>17</sup>.

Ao se exercitarem nos estudos da aritmética e da geometria, os futuros militares e governantes serão introduzidos na estereometria<sup>18</sup>, a qual se ocupa de calcular o volume dos sólidos geométricos. Assim, depois de passarem pela ciência dos números (aritmética) e pela ciência das figuras geométricas bidimensionais (geometria), a próxima etapa seria a de apreender a ciência das figuras geométricas tridimensionais, a fim de que, em seguida, sejam estudadas as esferas celestiais, com seus respectivos movimentos, através da ciência da astronomia, ou seja: “Ora o que está certo é que, após a segunda dimensão, se trate da terceira, que é a dos cubos e a que possui profundidade” (PLATÃO, 1996, p. 340)<sup>19</sup>. A seguinte citação vem a coroar o valor educativo dado pelo filósofo aos saberes matemáticos:

Segundo Platão, as matemáticas possuem uma função educativa profunda. Não se trata apenas de resolver problemas práticos. As matemáticas ajudam a despertar o espírito, adquirir memória, desembaraço e vivacidade. Elas conduzem naturalmente à inteligência e elevam aquele que a pratica até o Ser<sup>20</sup>. As matemáticas despertam e exercitam aquilo que é comum a todos os homens: a faculdade da razão. Sua função é despertar o pensamento, purificar e estimular a alma na busca do conhecimento. O pensamento em sua ação visa a uma finalidade. Visto que o homem é um ser racional, o homem age em vista de um fim. O fim do pensamento, enquanto tarefa do espírito, é satisfazer o desejo de conhecer as coisas. E a finalidade do conhecimento é a prática do bem. O homem é um ser desejoso de conhecer as causas últimas, pergunta-se constantemente por aquelas causas que tocam mais de perto a própria natureza e seu destino. O homem deve, através do pensamento, elevar-se moralmente daí a importância das matemáticas na educação como purificação e conversão ao ser (TEIXEIRA, 2006, p. 43).

---

<sup>17</sup> Cf. *República*, 527b-c.

<sup>18</sup> Embora Platão faça menção desta disciplina científica, o termo pelo qual a designa só começa a aparecer a partir de Aristóteles (384-322a.C) – cf. *Analíticos Posteriores*, II. 13. 78b 38.

<sup>19</sup> Cf. *República*, 528b.

<sup>20</sup> Cf. *República*, 523a.

Chegando-se à astronomia, esta propiciará, em termos pragmáticos, conhecimentos relativos às artes de cultivar o solo, de navegar e de guerrear<sup>21</sup> e, em termos especulativos, estudar o movimento regular das revoluções dos corpos celestes oferecerá conhecimentos propedêuticos que levarão à contemplação daquilo que é ordenado e perfeito, ou seja, às Formas, disso decorrendo a sua utilidade para o filósofo: “Julgo evidente para toda a gente que essa ciência força todas as almas a olhar para cima e as conduz das coisas terrenas às coisas celestes” (PLATÃO, 1996, p. 342; cf. *República*, 529a)<sup>22</sup>. Outrossim, os estudos astronômicos, uma vez voltados para o mundo supra-lunar, darão aos futuros protetores e dirigentes do Estado exemplos de regularidade e de ordem celestial, os quais, por sua vez, deverão ser reproduzidos na sociedade, seja em sua organização e funcionamento político, seja em sua conduta moral.

Assim como, pela astronomia, o indivíduo, sob a perspectiva platônica, terá o seu sentido da visão educado para se habituar à contemplação das coisas celestes, à harmonia caberá, *mutatimutandis*, fazer-lhe o mesmo, trabalhando, porém, com o sentido da audição, contribuindo, destarte, para habituá-lo a perceber a correspondência entre números e sons e, conseqüentemente, possa atraí-lo para a contemplação do equilíbrio e da perfeição do Mundo Inteligível, pois sendo a harmonia a combinação entre a música e a aritmética, os estudos dos acordes franquearão à mente do educando abrir-se à procura da bondade e da beleza do Mundo Inteligível, conforme atesta Platão nesta citação, a qual, criticando o estudo da harmonia nos moldes em que era feito em sua época, apresenta, em contrapartida, sua verdadeira utilidade:

[Sócrates] Com efeito, eles procuram os números nos acordes que escutam, mas não se elevam até ao problema de observar quais são os números harmônicos e quais o não são, e por que razão diferem.

\_ [Gláucon] Tarefa divina, essa que tu dizes.

\_ [Sócrates] Útil certamente, para a procura do belo e do bom, mas inútil, se se levar a cabo com outro fim (PLATÃO, 1996, p. 346)<sup>23</sup>.

<sup>21</sup> “Parece-me, sem dúvida, porquanto convém não só à agricultura e à navegação, mas não menos à arte militar, uma perfeita compreensão das estações, meses e anos” (PLATÃO, 1996, p. 339; cf. *República*, 527d).

<sup>22</sup> Faz-se oportuno aqui mencionar que, na perspectiva platônica, assim como na perspectiva antiga e medieval em geral, o mundo supra-lunar era visto como um mundo perfeito, eterno (porquanto feito de éter, o quinto elemento ou a quintessência da natureza, caracterizado pela incorruptibilidade e pela imutabilidade), razão pela qual o filósofo tinha em mente que o espaço sideral estava, pois, o mais próximo possível, no Mundo Sensível, das características do Mundo Inteligível. Tal concepção só começaria a perder credibilidade a partir do Século XVII, quando os experimentos feitos principalmente por Galileu Galilei (1564-1642) demonstraram que ela não estava correta, devido a certas constatações, tais como as manchas solares e às irregularidades na superfície lunar.

<sup>23</sup> Cf. *República*, 531c. Aqui Platão reconhece a utilidade puramente contemplativa da harmonia, ao contrário das ciências mencionadas anteriormente (aritmética, geometria, estereometria e astronomia), as quais, conforme já afirmado, possuem tanto uma utilidade teórica quanto uma utilidade prática. Com isso, o filósofo ático estabelece

Para coroar o seu currículo de estudos, Platão estabelece a dialética como a última das disciplinas científicas a serem cursadas, porque ela é não apenas o seu complemento máximo, mas sim a razão última de todo o processo educativo, pela qual terão de passar os dirigentes da sociedade por ele almejada; isso significa afirmar que a dialética é o ápice da pedagogia platônica, sem a qual os cidadãos destinados ao governo do Estado, isto é, os filósofos, não terão o método mais adequado para se desvencilharem dos grilhões que prendem suas mentes ao Mundo Sensível e, assim, atingir, por intermédio do exercício da razão e da inteligência, a contemplação do Mundo Inteligível, em cujo topo reside a Ideia do Bem, a qual, por sua vez, constitui o critério supremo e absoluto tanto para a sua formação quanto para a sua conduta intelectual e moral. Assim sendo:

O método da dialética é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes que analisámos (PLATÃO, 1996, p. 349)<sup>24</sup>.

Pela dialética, Platão garante ao filósofo não apenas a transição da multiplicidade e da mutabilidade sensível para a unidade e a imutabilidade inteligível (dialética ascendente), mas também o caminho inverso (dialética descendente), oferecendo, com isso, a melhor ou a mais perfeita maneira de conhecer a realidade em sua totalidade, razão pela qual aqueles que nela forem hábeis terão condições, em termos especulativos, de saber distinguir ao máximo possível a aparência da essência e, em termos pragmáticos, serão os indivíduos mais aptos a comandar o Estado. Por tal razão, importa tanto colocá-la acima de todas as demais ciências supracitadas (aritmética, geometria, estereometria, astronomia e harmonia) quanto fazer delas o seu prelúdio<sup>25</sup>,

---

que o útil não é, necessariamente, apenas o pragmático, visto que a teoria, ainda que não se ocupe de produzir resultados imediatos ou palpáveis, nem por isso deixa de ter, em contrapartida, a sua utilidade e, portanto, o seu valor.

<sup>24</sup> Cf. *República*, 533d.

<sup>25</sup> A libertação das algemas e o voltar-se das sombras para as figurinhas e para a luz e a ascensão da caverna para o Sol, uma vez lá chegados, a incapacidade que ainda têm de olhar para os animais e plantas e para a luz do Sol, mas, por outro lado, o poder contemplar reflexos divinos na água e sombras, de coisas reais, e não, como anteriormente, sombras de imagens lançadas por uma luz que é, ela mesmo, apenas uma imagem, comparada com o Sol – são esses os efeitos produzidos por todo este estudo das ciências que analisámos; elevam a parte mais nobre da alma à contemplação da visão do mais excelente dos seres, tal como há pouco a parte mais clarividente do corpo se elevava

a fim de que a educação cumpra o seu propósito fundamental, que é elevar as mentes à contemplação da Idéia do Bem:

\_ [Sócrates] Acaso também chamas dialéctico aquele que apreende a essência de cada coisa? E aquele que não a possui, negará que quanto menos for capaz de prestar contas dela a si mesmo ou aos outros, tanto menos terá o entendimento dessa coisa?

\_ [Gláucon] Pois que outra afirmação poderia fazer?

\_ [Sócrates] Ora não é também da mesma maneira relativamente ao bem? Quem não for capaz de definir com palavras a ideia do bem, separando-a de todas as outras, e, como se estivesse numa batalha, exaurindo todas as refutações, esforçando-se por dar provas, não através do que parece, mas do que é, avançar através de todas estas objecções com um raciocínio infalível – não dirás que uma pessoa nestas condições não conhece o bem em si, nem qualquer outro bem, mas, se acaso toma contacto com alguma imagem, é pela opinião, e não pela ciência que agarra nela, e que a sua vida actual a passa a sonhar e a dormir, pois, antes de despertar dela aqui, primeiro descerá ao Hades para lá cair num sono completo?

\_ [Gláucon] Por Zeus, tudo isso eu sustentarei afincadamente.

\_ [Sócrates] Mas, se um dia tiveres de facto de educar na prática aquelas crianças que educas e instruis em palavras, não consentirás, segundo creio, que sejam como simples quantidades irracionais, se têm de governar a cidade e de ser senhores das altas instâncias.

\_ [Gláucon] Claro que não.

\_ [Sócrates] Estabelecerás então para eles a lei de que devem sobretudo aplicar-se à educação pela qual se tornarão capazes de interrogar e de responder da maneira mais sábia?

\_ [Gláucon] Estabelecê-la-ei, juntamente contigo.

\_ [Sócrates] Achas então que a dialéctica se situa para nós lá no alto, como se fosse a cúpula das ciências, e que estará certo que não se coloque nenhuma outra forma do saber acima dela, mas que representa o fastígio do saber?

\_ [Gláucon] Acho que sim (PLATÃO, 1996, p. 351-352)<sup>26</sup>.

### *Considerações finais*

O ideário pedagógico que Platão concebe articular e desenvolve na sua obra *A República*, simultaneamente, resultado dos seus esforços e dos seus propósitos que caminham no sentido de concretizar a sua filosofia da educação em particular e, em geral, o seu sistema filosófico (o primeiro do qual se tem notícia na civilização ocidental), aqui descrito focando-se a sua ontologia, a sua epistemologia, a sua ética e a sua filosofia política.

Ao reunir em seu pensamento não apenas as tradições pré-socráticas (jônicas, pitagóricas, eleáticas, heraclíticas e pluralistas), mas também as tradições socráticas (Sócrates e os

---

à contemplação do objecto mais brilhante na região do corpóreo e do visível (PLATÃO, 1996, p. 347-348; cf. *República*, 532c-d).

<sup>26</sup> Cf. *República*, 534b-e.

denominados socráticos menores: megáricos, cínicos e cirenaicos) e sofísticas (dentre os quais figuram: Protágoras, Górgias, Hípias, Pródico e Trasímaco), Platão não apenas as retoma e delas se apropria, mas também as supera, em nível teórico, ao responder às principais indagações por elas levantadas e, em nível prático, propõe reformas políticas, sociais, morais e educacionais, erigindo, assim, um sistema filosófico que, estabelecendo o primado da ideia e da razão, no tocante à determinação da realidade e do seu conhecimento, reclama, conseqüentemente, a primazia da transcendência e, destarte, lança os alicerces de uma das principais matrizes do racionalismo e do idealismo conhecidos ao longo da história da filosofia.

Com relação à tradição pré-socrática, a filosofia platônica, apresentando a tese do Mundo Sensível e do Mundo Inteligível, resolve (pela primeira vez, porém, ainda não em definitivo, posto que, em filosofia, nunca há questões terminantemente solucionadas) os impasses gerados pelo monismo eleático e pelo pluralismo heracliteano, do mesmo modo que supera as tensões entre o materialismo jônico e o formalismo pitagórico, conciliando, assim, a unidade e a multiplicidade do ser.

Com relação à tradição socrática, Platão leva adiante o método do qual se servia o seu principal inspirador (Sócrates), utilizando-se da filosofia como a arte da refutação e, sucessivamente, elevando-a à mais excelente arte de dialogar, ao estabelecer a dialética como a principal atividade filosófica. Desse modo, ultrapassa não apenas Sócrates, mas também as escolas socráticas megárica, cínica e cirenaica, uma vez que, malgrado a sua importância, bem como o seu reconhecido mérito em relação à filosofia, não conseguiram fazer com que a dialética atingisse patamares tão elevados de amplitude e de profundidade que lhe foram conferidos pelo gênio de Platão.

Com relação à tradição sofística, a obra de Platão é de um modo geral, uma denúncia que revela a tergiversação feita pelos sofistas em relação às mais caras questões filosóficas (tais como, por exemplo, o problema do ser, do conhecer, do bem, do belo, do justo e do verdadeiro). O filósofo demonstrou ainda que a prioridade dada pelos sofistas à persuasão fazia com que eles se preocupassem mais com a vitória nas disputas verbais do que com a defesa da veracidade, o que fazia com que apenas imitassem os sábios, sem sê-lo de fato. Ademais, por exercerem sua atividade mediante remuneração, profanavam a sacralidade do saber, reduzindo-o a um produto a ser comprado ou vendido como qualquer outro no mercado.

Graças à sua enorme capacidade intelectual, Platão legou à civilização ocidental um dos seus fundamentais sistemas de pensamento, cujos princípios especulativos e pragmáticos serviram de subsídios para diversos campos do saber, dentre os quais se encontra a pedagogia, razão pela qual deve ao platonismo um dos seus paradigmas primordiais, a partir do qual se tornou possível a construção de teorias e de práticas pedagógicas que não separassem, por sua vez, a política, a moral e a educação.

Outrossim, deve-se a Platão o apanágio de ser um dos primeiros filósofos dos quais se tem notícia a propor a tese de que ao Estado caberia gerir a formação dos seus cidadãos, zelando, destarte, pelo seu aprimoramento intelectual e moral, motivo pelo qual apenas aqueles que detivessem os níveis mais apurados de saber e de virtude, em cujo cerne localizar-se-iam os Reis-Filósofos ou os Filósofos-Reis, poderiam nele ocupar os seus cargos de comando; com isso, fica estabelecida, conforme atesta *A República*, a primazia da aristocracia como forma de governo fundada na prerrogativa intelectual e moral daqueles que, pela sua natureza e educação, se sobressaíssem em gênio e em conduta.

*Referências bibliográficas:*

1. PAVIANI, J. *Platão & a Educação*. Belo Horizonte:Autêntica, 2008. (Coleção Pensadores& Educação)
2. PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 1996.
3. \_\_\_\_\_. *Diálogos IV: Sofista – Político – Filebo – Timeu – Crítias*. Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América, 1999.
4. TEIXEIRA, E. F. B. *A educação do homem segundo Platão*. São Paulo:Paulus, 2006. (Coleção Filosofia)